



SOBRE NARCISISMO E IDENTIFICAÇÃO: DO SENSO COMUM AOS FUNDAMENTOS METAPSICOLÓGICOS

ON NARCISSISM AND IDENTIFICATION: FROM COMMON SENSE TO METAPSYCHOLOGICAL FOUNDATIONS

DOI: 10.5281/zenodo.20724711



Rodrigo Estramano de Almeida¹

RESUMO

O artigo analisa os conceitos de narcisismo e identificação na psicanálise, buscando superar a definição do senso comum que associa o termo apenas ao egoísmo. Com base na metapsicologia freudiana, discute a distinção entre narcisismo primário e secundário, bem como as pulsões do eu e da libido. Examina, também, a identificação nas relações objetais, bem como seu papel no processo formador do ego e do ideal do ego. Conclui que esses processos são constitutivos da subjetividade e essenciais para a compreensão de fenômenos individuais e coletivos, como a psicologia das massas.

Palavras-chave: Narcisismo, Identificação, Metapsicologia.

ABSTRACT

The article analyzes the concepts of narcissism and identification in psychoanalysis, seeking to overcome the common sense definition that associates the term only with selfishness. Based on Freudian metapsychology, it discusses the distinction between primary and secondary narcissism, as well as the ego drives and the libido. It also examines identification in object relations, as well as its role in the formative process of the ego and the ego ideal. It concludes that these processes are constitutive of subjectivity and essential for understanding individual and collective phenomena, such as mass psychology.

Keywords: Narcissism, Identification, Metapsychology.

¹ Doutor em Ciências Sociais, Especialista em Psicopatologia, Psicanalista.





INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe uma análise dos termos narcisismo e identificação, partindo da compreensão na doxa, isto é, no senso comum, em direção de suas conceituações na metapsicologia freudiana. Embora o termo narcisismo seja frequentemente utilizado de forma pejorativa para designar indivíduos egoístas ou focados na própria imagem, na psicanálise ele é reconhecido como elemento constitutivo do eu, presente em todos os indivíduos.

A discussão fundamenta-se em obras seminais de Sigmund Freud, como *Introdução ao narcisismo* (1914), *Luto e melancolia* (1917) e *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), buscando demonstrar como o sujeito se organiza a partir de investimentos libidinais e laços emocionais com o outro. Ao explorar a distinção entre pulsões do eu e pulsões da libido, bem como a transição do narcisismo primário ao secundário, o texto revela que a identificação não é, por conseguinte, algo isolado, mas sim o precipitado de relações objetais e incorporações de elementos outros.

Além disso, o artigo examina as três modalidades de identificação e sua relação com a formação do ideal do ego, evidenciando como esses processos operam tanto na subjetividade individual quanto nos fenômenos de grupais. Assim, o objetivo complementar do artigo é oferecer uma síntese de como o narcisismo e a identificação servem de base para a compreensão da constituição do sujeito na teoria psicanalítica.

NARCISISMO: DA DOXA À CONCEITUAÇÃO EM PSICANÁLISE

A palavra ‘narcisismo’ é cotidianamente utilizada pelo senso comum geralmente para se referir a alguém cuja autoimagem parece importar mais do que a de qualquer outro, ou mesmo para se referir a um indivíduo que se exaspera quando da colocação de suas ideias ou planos em detrimento da opinião ou ideias de outrem; em outras palavras, trata-se de um termo utilizado para designar aquele que – na colocação informal – ‘se acha’ e se vê acima de





todos os outros, valorizando mais a si mesmo e suas próprias asserções, tendendo a agir com aparente desprezo pelo outro.

Essa palavra-conceito, central em psicanálise, é utilizada cotidianamente, podemos dizer, para se referir, não sem carga pejorativa contundente, a alguém, por assim dizer, egoísta. Uma pessoa curiosa que vá ao dicionário comum com o objetivo de expandir sua compreensão do termo confirmará, na primeira parte do verbete, essa acepção de senso comum, posto que lá está definida como a qualidade daquele que tem “amor pela própria imagem”. (HOUAISS, 2009, p. 1341)

Ora, o termo ‘amor’ está evidentemente relacionado à sexualidade na medida em que aquele que ama deseja, de algum modo, aquilo que ama. Assim que, na continuação do verbete, pode-se ler a segunda acepção diretamente relacionada à psicanálise: “estágio precoce do desenvolvimento psicosssexual no qual o indivíduo tem a si mesmo como objeto sexual” e, continua o verbete, “secundário: retorno ao ego, da libido desinvestida dos objetos de amor”. (HOUAISS, 2009, p. 1341)

É bem provável que o leitor não especializado em psicanálise entenderá bem a primeira definição do verbete, mas, cremos, encontrará alguma dificuldade na compreensão da segunda e da terceira definição que são aquelas mais propriamente derivadas da metapsicologia. Vamos, pois, nos parágrafos seguintes, ensaiar sinteticamente algumas considerações que possam contribuir para um entendimento menos restrito do conceito, lançando mão das proposições de Sigmund Freud expostas em *Introdução ao narcisismo* (1914).

O ponto de partida para a compreensão do conceito é a distinção que faz o autor de dois tipos de pulsão, são elas: (a) pulsão do eu e; (b) pulsão da libido. A pulsão do eu, ou do ego, é aquela ligada ao princípio de autoconservação e por isso pode ser pensada na relação com processos orgânicos; tomemos, por exemplo, a fome, uma força de necessidade orgânica, como tipo de pulsão do eu. Diferentemente, a pulsão libidinal não é diretamente condicionada





pela força das necessidades orgânicas de modo que tende a demorar mais na sua relação com o princípio de realidade, constituindo-se paulatinamente no processamento da vida sexual.

Assim, pois, que a pulsão da libido complementa a pulsão do eu na medida em que para se autoconservar o sujeito pensa em si próprio, egoisticamente, pela necessidade da sobrevivência. Desse modo, a definição apresentada por Freud é bem mais complexa, como não poderia deixar de ser, do que aquela encontrada pelo curioso leitor no dicionário comum: o narcisismo é o complemento libidinal do egoísmo, da pulsão do eu. Ora, uma coisa é a pulsão do eu, a outra é a libido do eu e, assim, as pulsões de autoconservação podem se investir sexualmente como se houvesse uma doação da necessidade de se alimentar em direção a libido. Esse o narcisismo primário.

Nessa etapa primária do narcisismo – que aparece descrita sem pormenores, na segunda acepção do verbete do dicionário que utilizamos a título de mote para as reflexões ora ensaiadas – começa a operar uma distinção entre as duas qualidades de pulsão que, gradativamente, encaminharão uma dinâmica conflitiva, posto que não mais se encerrará a dualidade entre o que é autoconservativo ou libidinal, mas sim nos destinos da pulsão: se ela caminhará para o eu ou para o objeto, para fora do eu.

O fato é que, segundo Freud, a escolha do objeto deriva – no narcisismo primário – das experiências de prazer infantis autoeróticas. Os objetos são “ligados à satisfação dos instintos do ego” e “somente depois é que eles se tornam independentes destes” (FREUD, 1974, p.103). Desse modo, a fonte de escolha objetal pode por ligação recair sobre aquele que é responsável pela alimentação e cuidados da criança (sua mãe ou quem quer que a substitua) ou, em um segundo tipo de escolha objetal, tipicamente narcisista, homossexual, que ocorre “em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu alguma perturbação, tais como pervertidos e homossexuais, que em sua escolha ulterior dos objetos amorosos (...) adotaram como modelo não sua mãe mas seus próprios eus.” (FREUD, 1974, p.104)

Essa separação em escolha objetal por ligação ou narcisista é formulada com tal distanciamento apenas em termos teóricos, pois, de fato, “um ser humano tem originalmente



dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele – e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal. (FREUD, 1974, p.105)

Falta ainda alguma explicação ao curioso leitor do dicionário comum o que quer dizer a sentença do último tópico do verbete iniciado pelo termo ‘secundário’. Vimos que há um narcisismo primário, vamos agora a alguma proposição compreensiva sobre o caráter secundário do narcisismo.

Freud, refletindo sobre a posição delirante e onipotente na psicose, postulou uma transposição dos investimentos libidinais do sujeito que antes estavam fora dele em retorno para o eu, para o próprio ego. O narcisismo secundário ocorre quando há um movimento de regressão da escolha do objeto para o eu. Nesse caso o sujeito retira os investimentos libidinais do mundo externo que regredem em direção ao ego e, não à toa, podem significar o rompimento do sujeito com o mundo externo, o isolamento, e a posição delirante cujo ápice pode ser lido, por exemplo, nas acepções de ‘fim do mundo’.

Para melhor ilustrar esse aspecto dinâmico, Freud mobiliza duas situações em que há regressão da libido em direção ao ego, mas que não se configuram como estados patológicos, posto que retornam ao ponto inicial quando interrompidos seus processos: nos sonhos desligamo-nos de todos, tal narcisos, e a libido pode regredir ao ego de modo a, oniricamente, ‘delirar’ e; nos estados hipocondríacos o sujeito tende a voltar todo investimento a si próprio posto que a doença – ou a ideia dessa – requer toda a atenção a si. Findo o sonho com o despertar ou curada a doença ou afastada sua ideação o ego se desinveste e desfaz-se o laço narcisista.

O fato é que o narcisismo é resultado de uma ilusão, pois ninguém pode estar acima ou ser mais que o outro; não obstante o sujeito ao valorizar-se demais no que Freud chamou de ‘eu ideal’ tenderá para a criação de um ‘ideal do eu’ para a satisfação daquele eu sobrevalorizado. Assim, “o narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor (...) e o que



ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o próprio ideal” (FREUD, 1974, p.111). Sobre esse aspecto é famosa a referência de Freud ao fato de que os pais exaltam os filhos como ‘majestades’ fruto de sua realização o que nada mais é do que o narcisismo dos genitores reinvestido no objeto ‘meu bebê’; de algum modo a recriação de sua autoimagem. Aliás, as questões de autoestima guardam relação direta com o narcisismo, posto que as expectativas de cumprimento de realizações sociais e objetais estão, em realidade, mais condicionadas pelas forças externas do que internas. Mas, entretanto, o narcisismo tende a empurrar-nos ao cumprimento dessas expectativas por meio de um ‘amor de si’ que, ilusório frente às contingências da realidade, poderá ser também fonte de desprazer.

Ainda, pode-se afirmar que o conceito de narcisismo impõe um reordenamento à teoria da libido convergindo os elementos egoicos e sexuais, pois o eu, a partir da *Introdução ao Narcisismo*, é efeito de ‘uma nova ação psíquica’ da qual participa o narcisismo. Assim, afastando-nos da definição do senso comum o narcisismo não é algo apenas pejorativo para se referir àquele que muito se sobrevaloriza, senão que é parte constitutiva e constituinte do eu e, por essa razão, está e faz parte de todos nós.

A IDENTIFICAÇÃO

Tomada a acepção senso comum de ‘identificação’, ninguém será capaz de discordar da ideia de que todos nós nos identificamos, com intensidade mais ou menos variável, com as coisas e com os outros.

Ao longo da vida, somos instados pelas características aparentemente alheias a nos acharmos parecidos ou nos ligarmos – seja com uma forma de gesticular, de falar, de andar, de gostar do mesmo tipo de música e etc. – com o outro. Do mesmo modo, certas coisas, certos objetos nos são mais ou menos apetecíveis e disso dependerá o nível de força psíquica que investimos nesse algo. Assim, somos levados a imitar, desenvolver empatia por algo ou





alguém, tornando-nos simpáticos ou sendo como que contagiados por outrem, por um objeto externo.

Neste tópico o nosso objetivo será demarcar o conceito de identificação e sua relação com o narcisismo a fim de produzir uma síntese compreensiva dessas categorias segundo a obra de Sigmund Freud (1856-1939), mais especificamente nas considerações do autor em *Luto e melancolia* (1917), bem como em *Psicologia da massa e análise do ego*² (1921); desse último dando destaque à parte sete, voltada às três modalidades de identificação denotadas pelo autor.

A caracterização da melancolia resulta, em linhas gerais, a um luto somado a redução da autoestima; espécie de luto anormal, patológico. Aqui vale lembrar que autoestima é conceito importante na compreensão do narcisismo, tal como elucidado por Freud na sua *Introdução ao narcisismo* (1914). O fato é que na melancolia o objeto perdido está narcisicamente investido. Desse modo, se no luto o sobreinvestimento da perda vai paulatinamente resultando em desinvestimento do objeto perdido, na melancolia, diferentemente, é como se o sujeito perdesse parte de si. A perda do objeto é na verdade uma perda de si de modo que a ausência do objeto incide diretamente no rebaixamento da autoestima. Assim, “o melancólico exhibe (...) uma diminuição extraordinária de sua autoestima, um empobrecimento de seu ego em grande escala. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego” (FREUD, 1974, p.278)

O que se deve frisar para nosso objetivo é que, para Freud, essa definição de melancolia como luto patológico serve à compreensão do modelo de constituição do sujeito na medida em que explicita a identificação como o precipitado de relações objetais. Em realidade somos formados pelo outro, por partes dos outros, e não raramente aquilo que consideramos como efetivamente próprio ou nosso não é mais do que algo incorporado de outrem.

2 A tradução brasileira (Imago, 1969) a qual ora fazemos uso substitui o termo ‘massa’ por ‘grupo’. Não obstante preferimos utilizar o termo ‘massa’ dado que é a tradução mais correta do termo alemão *massen*.





Deve-se considerar uma acentuada ambivalência do ego com o objeto posto que se confundem na sua dinâmica. Assim que, não raras vezes, o melancólico – tomado aqui como expressão dessa ambivalência – não se detém ou se despidora de suas atitudes e comportamentos. Na sua forma de sentir e agir não é ele que sente ou age, mas sim o outro, estranho, dentro dele.

Ainda, podemos argumentar que na metapsicologia exposta em *Luto e melancolia*, Freud deu um passo decisivo na direção da conceituação da identificação, relacionando-a à constituição do sujeito e, conseqüentemente, ao ideal do ego, posto que trata da falta como elemento dessa constituição: o sujeito se constitui e vive na relação com o outro e, conseqüentemente, também, com a falta desse outro. Assim, terá que viver, também, com as frustrações resultantes da ausência do objeto amado. O luto é, pois, algo por assim dizer, normal e constituinte do sujeito; já a melancolia mostra que esse processo pode se relacionar a elementos narcísicos quando “uma perda objetual se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação.” (FREUD, 1974, p.282)

O conceito de identificação ganhará contornos melhor definidos em um capítulo dedicado a ele no ensaio *Psicologia das massas e análise do eu*. De fato, nesse ensaio Freud está interessado em desvelar as questões relacionadas ao papel do outro, seja como objeto, modelo ou adversário; quer compreender com maior profundidade a psicologia inerente às relações coletivas e como elas incidem na análise do ego.

Das considerações anteriores à sétima parte do texto, inteiramente voltada ao tema da identificação, podemos frisar, em linhas gerais, aquilo que mais interessa ao propósito dessa nota: segundo o autor, as relações de grupo, de massa, são lastreadas por relações libidinais; ligações amorosas que produzem união. Nesse sentido, pode-se, por exemplo, compreender que uma liderança política ou religiosa exerce seu protagonismo por meio de uma relação amorosa. Estaria, assim, o carisma relacionado à capacidade de sedução do líder sobre a massa e aos enlaces emocionais e identificações consubstanciados nessa relação.





Assim, pois, que, na abertura do sétimo capítulo, Freud registrou que “a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, 1969, p.133) e distinguirá três tipos dessa ligação afetiva.

O primeiro tipo, a identificação primária, é aquele constitutivo do sujeito na relação com o outro “por uma forma original de laço emocional com um objeto” (FREUD, 1969, p.136); é difícil separá-la do investimento ou o *ter* do *ser*. Nesse caso a identificação vai na direção de “moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo” (FREUD, 1969, p.134). Grosso modo, pode-se pensar, como ilustração do tipo primário de identificação, em um menino que se identifica com o pai tomando esse como ideal.

O segundo tipo, secundário ou regressivo, é aquele em que a identificação “apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação” (FREUD, 1969, p.135). Esse tipo está ligado ao complexo edípico: aqui o menino também se identifica com o pai, mas não o faz diretamente como no tipo primário. Ele primeiro toma a mãe como objeto de desejo e por isso identifica-se com o pai na idealização do desejo pelo objeto sexual mãe; o pai, entretanto, é obstáculo para a relação com a mãe e de forma ambivalente ele recusa o pai. A identificação com pai se dará, pelo resultado da ambivalência, pelo empréstimo de um ou outro traço ou característica daquele. Ora, não raras vezes encontramos aqueles filhos que mesmo não muito parecidos com seu pai, conservam dele uma maneira de agir, como, por exemplo, segurar o jornal do mesmo modo ou guardar os sapatos em lugar análogo àquele anteriormente utilizado pelo pai. Assim, a identificação – e isso vale para ambos os casos – se dá de forma “parcial e extremamente limitada, tomando emprestado apenas um traço isolado da pessoa que é objeto dela” (FREUD, 1969, 135)

O terceiro tipo de identificação resulta de uma relação desinvestida do ponto de vista sexual, pois diz respeito aos casos em que o sujeito se predispõe a estar ou passar por uma situação similar a do outro. Essa forma de identificação está, pois, diretamente relacionada com os fenômenos da vida coletiva, dos grupos e das massas. Aqui o líder é a prefiguração do



ideal do ego frente a seus seguidores. Assim, “o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é da natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder” (FREUD, 1969, p.136)

CONCLUSÃO

Em síntese, o conceito de identificação nos permite pensar no narcisismo como resultado de identificações narcísicas com o objeto (LAPLANCHE, 2016, p.288) de modo que o ego se constitui por meio de identificações da imagem de outrem. Daí a importância da reflexão sobre narcisismo e identificação para a compreensão da constituição do sujeito.

Resta dizer que o narcisismo que une ao buscar no outro a imagem ideal, também separa. No jogo das identificações aquilo que resulta ser muito próximo deve encontrar, nem que seja nas pequenas coisas, as diferenças que permitem a distinção entre um e outro sujeito, afinal o narcisismo encontra nas pequenas diferenças o material para sedimentar afetos de aversão e hostilidade. (FREUD, 1969, p.128)

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In:_____. **Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 89-121.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917). In:_____. **Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 271-298.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). In:_____. **Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 271-298.

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAPLANCHE.; PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

Recebido em: 23/04/2026

Aprovado em: 21/05/2026

Publicado em: 16/06/2026

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

***A Revista OWL Journal está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)***

